

RECENSÕES

1910-2010: O CAMINHO-DE-FERRO EM PORTUGAL

ARANHA ANTUNES, CARRASQUINHO DE FREITAS, GILBERTO GOMES, HORMIGO VICENTE, LOPES CORDEIRO (COORDS.)

LISBOA: CP – COMBOIOS DE PORTUGAL E REFER – REDE FERROVIÁRIA NACIONAL, 2010

324 p., IL., MAPAS, BIB. DVD-ROM, ISBN 978-989-97035-0-6 (REFER), 978-989-95182-6-1 (CP)

Inserida nas iniciativas da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, a obra *1910-2010: o caminho-de-ferro em Portugal* pretende evocar alguns aspectos da história da ferrovia nacional durante a I República, o Estado Novo e o regime democrático actual. Seguidamente, procura estabelecer uma ponte entre este passado recente e um presente de novos desafios e oportunidades (ao nível da construção, da exploração e também da preservação da memória colectiva), que, deste modo, não nos surge descontextualizado das suas raízes.

Para atingir estes objectivos, a equipa de coordenação editorial optou por elaborar uma compilação de textos redigidos por vários autores e subordinados aos mais variados temas ferroviários, tal como se fez há quinze anos atrás com a edição de *O Caminho de ferro em Portugal de 1856 a 1996. O Caminho de ferro revisitado* (na altura, coordenado por Joel Serrão e Gilberto Gomes).

Assim, depois de um texto introdutório (assinado pela Professora Eugénia Mata) que enquadra historicamente o caminho-de-ferro nos desafios do século XX (concorrência crescente do transporte automóvel depois de décadas de monopólio no mercado do transporte acelerado) e do século XXI (alta velocidade, uniformização de bitola, articulação com outros meios de transporte, papel do caminho-de-ferro no sistema nacional de mobilidade), seguem-se curtos ensaios agrupados em duas partes: uma de índole mais histórica e com uma visão a um prazo mais longo (desde o início de Novecentos); outra mais voltada para a actualidade e para as novas dinâmicas com

que a ferrovia se depara (novas construções, simultâneas ao fecho de linhas antigas; novas formas de exploração; novos equipamentos, etc.). Apesar desta divisão, alguns textos da segunda parte não se coíbem de ir buscar apoio aos 150 anos de História do caminho-de-ferro em Portugal ou de complementar com dados contemporâneos aquilo que ficou dito na primeira parte

Deste modo, são abordados diversos aspectos da história ferroviária do intervalo cronológico 1910-2010, desde a evolução da rede até à situação económico-financeira do sector, passando pelo material circulante e tipo de tracção (fim vapor e opção pelo diesel e pela electricidade), pela arquitectura do material fixo (e respectivas alterações no *gosto* durante o século XX), pela sinalização e informática, pelas relações laborais, pela comparação com a realidade espanhola (na mudança do paradigma da titularidade da exploração) e pelo planeamento e ordenamento do território motivado pelo caminho-de-ferro.

Ao percorrer as mais de 300 páginas do livro fica-se com a ideia de uma certa desarticulação entre os capítulos, que parecem completamente desligados uns dos outros, o que não surpreende dada a diversidade temática que abarcam. No entanto, tendo em conta que o objectivo deste trabalho é realmente fazer uma compilação de estudos de várias facetas do sector, esta opção por uma disparidade e desconexão de conteúdos fica justificada. Além disso, não se dá também uma grande profundidade ao exame em cada um dos capítulos, o que, de resto, é facilmente explicado pelas limitações de espaço que uma obra desta

natureza decerto impõe e que obrigam a uma abordagem sucinta e assertiva. O que verdadeiramente falta é uma conclusão geral que procure enquadrar o que ficou escrito nas páginas anteriores com os novos projectos ferroviários que se debatem actualmente.

Em contrapartida, aquela diversidade temática vem acompanhada de uma perspectiva multidisciplinar, que enriquece o estudo. Neste projecto, reuniram-se contributos de historiadores (alguns deles dando a conhecer aspectos das investigações que correntemente desenvolviam), arquitectos, economistas, engenheiros e geógrafos. Considerando que algumas das questões abordadas são eminentemente técnicas (sobretudo aquelas ligadas ao material circulante, à sinalização e aos sistemas informáticos), a participação de especialistas em cada uma dessas áreas só beneficia a análise, muito embora àqueles técnicos falte, naturalmente, prática nas metodologias das ciências sociais e humanas e, em alguns casos, o próprio enquadramento histórico.

Quanto às fontes consultadas, é difícil fazer um exame, dada a disparidade de perspectivas e temas. Aliás, alguns dos textos são mais sínteses bibliográficas do que propriamente novas linhas de investigação baseadas em dados empíricos (enquanto que outros não indicam qualquer referência bibliográfica ou arquivística). Em todo o caso, os contributos que realmente apresentam alguma sustentação empírica não fogem muito às fontes clássicas guardadas no Arquivo da CP – Comboios de Portugal, publicadas nos periódicos do sector ou produzidas pela própria empresa pública ou pelas entidades competentes (no caso dos estudos sobre os comboios de alta velocidade).

As visões de conjunto dos caminhos-de-ferro portugueses no século XX não abundam. Só recentemente foi defendida na Universidade Complutense de Madrid uma tese de doutoramento sobre a política ferroviária ibérica na primeira metade de Novecentos. Além disto, contam-se apenas súmulas cronológicas da evolução da rede e estudos académicos (e não só) localizados no espaço e no objecto de análise. Deste modo, a presente edição tem o mérito de lançar alguns dados e sobretudo chamar a atenção dos investigadores e público em geral para esta área do saber, que só ao de leve foi analisada dentro de uma perspectiva histórica global. No fundo, renova o estímulo fornecido pela já citada edição coordenada por Joel Serrão e Gilberto Gomes.

A publicação inclui ainda um DVD contendo uma visita virtual à exposição sobre o mesmo tema, que acompanhou a iniciativa editorial, além de uma versão digital do próprio livro. É um excelente e útil instrumento que permite o acesso aos conteúdos noutros suportes, até porque o formato em papel não permite uma fácil leitura.

Em suma, *1910-2010: o caminho-de-ferro em Portugal* é mais um contributo válido para a História do caminho-de-ferro em Portugal e de leitura obrigatória para os que se debruçam sobre esta matéria. Embora constitua uma compilação de pequenas reflexões sobre vários assuntos da área, não se assumindo como uma investigação de fundo, lança novos dados a partir de diferentes perspectivas de análise. Além do mais, tem o mérito de incluir o argumento e o enquadramento histórico na discussão de temas que dominam a actualidade.

HUGO SILVEIRA PEREIRA
(BOLSEIRO FCT/CITCEM)

A COLEÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO

LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

PORTO: EDIÇÕES CENTENÁRIO E UNIVERSIDADE DO PORTO, 2011. 272 p., il. cores, ISBN 978-989-8265-63-0

Autor de uma vasta bibliografia egiptológica, Luís Manuel de Araújo tem consagrado uma parte muito significativa do seu trabalho ao estudo e publicação das coleções egípcias conservadas em Portugal. Para além da publicação em periódicos científicos de artigos dedicados a pequenos núcleos egípcios, são também da sua autoria, os catálogos das principais coleções egípcias conservadas em território nacional. Os catálogos dos núcleos egípcios do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian são já obras de referência com divulgação e projecção internacionais. Em co-autoria com Paula Basso, o Autor publicou também o interessante núcleo egípcio do Museu da Farmácia, ao passo que uma parte significativa do espólio egípcio da Sociedade de Geografia de Lisboa, constituído pelas 88 estatuetas funerárias da XXI dinastia originárias de Babel-Gassus, foi já publicado num volume temático publicado com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Calouste Gulbenkian (*Estatuetas Funerárias Egípcias da XXI Dinastia*), estando o restante espólio, constituído por ataúdes antropomórficos e coberturas de múmia, em fase de estudo e publicação pelo signatário desta apresentação. Apesar dos esforços da Casa Museu Teixeira Lopes e do Museu de História Natural que editaram em 2008, por ocasião da exposição *Mistérios do Além no Antigo Egipto*, uma publicação de divulgação organizada pelas duas instituições, este importante núcleo museológico carecia ainda de um estudo científico rigoroso que documentasse a totalidade dos seus objectos. Integrada no Centenário da Universidade do Porto, a decisão de publicar o catálogo foi em boa hora acompanhada pela

ideia de criar um novo espaço museológico no seio do magnífico edifício da Reitoria exclusivamente reservado ao núcleo egípcio. É justo aqui sublinhar o rasgo e a visão estratégica da Reitoria da Universidade do Porto que reconheceu a importância deste núcleo patrimonial para cimentar a vocação da Instituição como matriz produtora e geradora de conhecimento. O resultado está à vista de todos: uma nova sala condigna para a exposição permanente do núcleo egípcio, bem como um catálogo escrupuloso sobre o qual as futuras gerações de investigadores poderão com segurança edificar os seus estudos.

De resto, para além de estudioso das coleções egípcias conservadas em Portugal, o Autor é justamente reconhecido como o fundador da egiptologia científica em Portugal. Enquanto muitos continuavam a seguir uma prática empírica adaptando acriticamente, mais ou menos ao sabor do acaso, expressões traduzidas directamente das tradições egiptológicas mais antigas, como é o caso da inglesa ou da francesa, coube ao Autor a tarefa decisiva de constituir laboriosamente, ao longo de mais de vinte anos de trabalho, um vocabulário técnico próprio da egiptologia portuguesa. A delimitação de uma terminologia científica própria é, como sabemos, indispensável no trabalho das Ciências Sociais e foi Luís Manuel de Araújo o investigador que deu o passo decisivo para afirmar a autonomia da egiptologia portuguesa e assegurar uma base de trabalho indispensável para alicerçar a investigação neste domínio.

Por todas as razões já apontadas, o presente catálogo deve ser justamente reconhecido como um marco importante da egiptologia portuguesa. Com um trabalho gráfico de excelência, da autoria de Rui Mendonça, o volume

é, antes de mais, uma obra bibliográfica sofisticada e muito cuidada.

Do ponto de vista técnico, o volume conta com uma sucinta e muito esclarecedora «Introdução» e uma apresentação do interessante e acidentado percurso que o núcleo egípcio conheceu até ser entregue à guarda do Museu de História Natural. O capítulo «Arte e história do Egipto faraónico» cumpre a função pedagógica bem pertinente que consiste em facilitar o entrosamento na obra dos leitores menos familiarizados com a terminologia egiptológica, uma preocupação de resto também patente na inclusão de um valioso Glossário no final do volume. O catálogo propriamente dito ocupa as secções I-X:

- I. Recipientes de cerâmica
- II. Recipientes de pedra
- III. Modelos periféricos
- IV. Objectos do quotidiano
- V. Estatuetas funerárias
- VI. Amuletos
- VII. Escaravinhos
- VIII. Mumificação
- IX. Bronzes figurativos
- X. Terracotas greco-romanas

Seguindo a linha adoptada pelo Autor em catálogos publicados previamente, o actual trabalho afirma-se, antes de mais, como um repositório documental escrupuloso. Tomando as estatuetas funerárias como exemplo, na secção V, o Autor procede a uma apresentação sucinta relativa à terminologia, características morfológicas e decorativas e valor simbólico

destes objectos, assim como à breve explanação da sua evolução na cultura material do antigo Egipto. Segue-se a descrição de cada um dos objectos desta secção, recorrendo a uma metodologia descritiva segura e exaustiva, bem como a notas e comentários, sempre que pertinente. O valor documental do catálogo é valorizado pelo excelente registo fotográfico de cada objecto, normalmente apresentado em três perspectivas, também da autoria de Rui Mendonça. Também é de salientar o contributo do egiptólogo Telo Canhão na edição em fontes hieroglíficas dos textos patentes nos objectos. Acresce-se ainda o valor do índice remissivo que, somado ao seu valor documental inegável, fazem este catálogo num valioso instrumento de trabalho e um trabalho modelar neste domínio.

Com a presente edição, está portanto, lançada uma base segura que, estamos em crer, contribuirá decisivamente para alicerçar o trabalho de investigação deste espólio, sobretudo no que toca à sua contextualização no quadro das crenças religiosas do antigo Egipto, um trabalho que se adivinha promissor, principalmente no que toca ao estudo do ataúde antropomórfico e às valiosas máscaras funerárias da coleção que constituem ricos suportes de iconografia. Salienta-se ainda que este espólio é o único que em Portugal é enquadrado por uma instituição universitária. O Museu de História Natural tem assim uma responsabilidade acrescida na sua dignificação e estudo, tarefas essas que a comunidade científica não deixará de acompanhar atentamente e com expectativa.

ROGÉRIO SOUSA
(INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE SAÚDE – NORTE,
BOLSEIRO FCT. CITCEM)